




PORTE
PAGO

Quinzenário * 9 de Fevereiro de 1980 * Ano XXXVI — N.º 937 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Mães solteiras

Logo, de manhã, em dia de muito frio e vento, duas raparigas ainda muito novas e um rapazito andavam à volta da casa-mãe à procura de alguém. Uma trazia um bebé no colo e a outra, os olhos no chão. Aquela era mãe, casada e com a vida organizada e esta também é mãe, mas solteira e com a vida já desfeita em bocados. Não trazia o filho consigo, envergonhada pelo seu grande «pecado» de conceber em solteira e não se ter desfeito dele. Por isso, o pai pô-la fora de casa.

«Ela é mãe solteira e é minha cunhada e eu recebia em minha casa» — disse assim a mãe casada. «Eu não tenho o suficiente para nós e para ela; é por isso que viemos cá.» Enquanto assim falava, a outra nunca levantou a cabeça. Foi preciso eu fazer-lhe uma pergunta qualquer directa para lhe ver os olhos, tão tristes e cansados!... Eram duas mulheres que nem vinte anos teriam. Na flor da idade. Na idade de namorar, com certeza. Mas de certeza sem idade para horas, dias ou anos gastos assim por um sofrimento tão forte, merecido ou não!

O pai deu o pontapé de saída. Como uma bola que só irar parar se o terreno for direito e ninguém lhe der mais pontapés... O que vai ser muito difícil! O terreno que ela pisou e continuará a pisar é movediço e inclinado e sem apoio firme. Parece tudo preparado para nova queda! O

Continua na QUARTA página

AQUI, LISBOA!

● O contraste entre aquilo que é oficial e o que é privado manifesta-se, de um modo geral, acentuadamente, nos mais variados aspectos, desde a ordem à eficiência dos serviços, quer nos processos de actuação ou nos resultados práticos obtidos. O que é público ou estatal não merece, frequentemente, qualquer respeito ou consideração, não só por parte do cidadão comum como também daqueles que são seus servidores. O Estado é uma entidade abstracta que nada diz às pessoas e daí que o estragar ou delapidar o que, no fundo, é seu e de todos nós, pouco importa a cada cidadão. As excepções só confirmam a regra.

Vêm as considerações acima a propósito do que nos aconteceu um dia destes, aliás repetido inúmeras vezes noutras ocasiões. Ao serviço da Casa

deslocámo-nos a uma importante empresa particular. Era ao princípio do segundo período de trabalho a hora marcada para a abertura dos serviços já todos os funcionários se encontravam no seu lugar e prontos, a atender os clientes. Um contínuo solícito, tendo inquirido ao que íamos, logo nos deu as instruções necessárias. Ante uma hesitação no percurso, funcionário que passava, dando disso conta, se prontificou espontaneamente a elucidar-nos. Chegamos ao departamento procurado, sem demora, fomos atendidos rápida e eficientemente. Saímos, dirigindo-nos a um estabelecimento para-estatal, de certo modo ligado a nós pela finalidade. Contínuo ou pessoa para atender os que chegavam não havia. Funcionários passavam sem se importarem com quem estava. Entreaberta porta ou guichet logo se vislumbavam grupos em amena conversa. Fartos já de esperar, recorremos a uma senhora que entrava no serviço a contactar, pedindo-lhe o favor de ver se havia alguém que nos atendesse. Ao sair disse-nos para aguardar uns momentos. Como o tempo passasse, socorremos-nos de uma senhora conhecida, de outro departamento, ali por acaso, para abreviar a já nossa longa permanência no local. Recebidos, finalmente, embora com frieza e a despachar, saímos meditando.

O público deve ser educado no respeito pelas pessoas dos funcionários e pelas instituições. Ambas devem estar, porém, ao serviço da sociedade. A eficiência e a operacionalidade dos serviços dependem, em larga medida, todavia, do sentido de responsabilidade e da competência dos que neles trabalham. Um funcionário não é dono de nada, com o rei na barriga, como às vezes parece transparecer nas suas actuações e nos seus processos de atender o Zé Povinho. E mesmo que o fosse, não tem o direito de menosprezar ninguém, que não é para isso que lhe pagam ou os serviços existem. Haja moralidade e sentido das responsabilidades.

Ao escrevermos estas linhas, aliás com o respeito devido a todos aqueles que procuram cumprir os seus deveres, temos em mente, sobretudo, as

legiões anónimas de pessoas simples e de poucas letras, às vezes pobres joguetes nas mãos de funcionários prepotentes e pouco solícitos, sem conhecimentos nem bens para se servirem de intermediários, aliás nem sempre escrupulosos, vêm-se com frequência preteridos nos seus direitos ou prejudicados nos seus legítimos designios. Isto para não falarmos já nos efeitos da pesada máquina burocrática de tudo o que é estatal ou equiparado. Que os governantes deste País tenham coragem para actuar e que os seus concidadãos se compenbrem das suas obrigações, dentro e fora dos serviços que a todos devem valer.

● Voltamos aos expostos da grande urbe que é Lisboa, já aqui referidos inúmeras vezes. É assunto que não pode merecer o nosso silêncio conformista ou cobarde.

Com frequência vemos brigadas de Agentes de Trânsito procurando pôr ordem onde não há ou disciplinar o movimento de veículos e de pessoas. Respeitamos o seu trabalho, a todos os títulos válido e desejável, embora desejemos antes atitudes coerentes de educação do público e de prevenção do que actuações repressivas ou punitivas, estas sempre em última análise.

Se um carro está mal estacionado, normalmente, se passa algum agente de Autoridade, logo é ali colocado um papel-aviso da multa respectiva ou, em certos casos, mesmo, é requisitado um reboque para o levar. Se alguém provoca qualquer reboliço ou age de maneira oposta ao que as leis determinam, chamada ou por iniciativa própria, a Autoridade aparece para restabelecer a ordem ou repor as coisas no seu lugar. A prestimosa actuação das Corporações chamadas Cívicas merece-nos toda a atenção e respeito, repetimos, e, aí de nós, se não fosse a sua sacrificada disponibilidade ao serviço da grei, tantas vezes consumada com a perda da própria vida, que não são condecorações póstumas ou pensões de viuvez e similares que a pagam.

Vejamos, porém, no caso dos expostos, o que se pede ou

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL



Enquanto uns alimentam a betoneira, outros carregam baldes de betão. As obras da nossa Casa do Gaiato de Setúbal são feitas pelas mãos deles, que dão fé e acreditam no esforço de cada um.

O melhor dom do Natal passado veio dos rapazes; da sua generosidade e alegre convivência.

Eu não estava habituado a passar as festas em alegria. Quase sempre, no meio do rebanho feliz, há uma, duas ou mais ovelhas tresmalhadas. O coração, por mais esforços que faça, esquece a felicidade das noventa e nove e atasca-se na negrura que invade aquelas. É raro haver festa sem amargura. De tal modo que até já tenho medo das festas!...

Este ano, não. Foi uma delícia. Os rapazes maravilhosos. Eu não tive oportunidade de saborear o melhor da noite de Natal por via de ir celebrar Missa à hora da festa.

O Rodrigues mais o Américo organizaram um convívio com outros rapazes e raparigas das Padeiras, Brejos do Assa e Algeruz. Ornamentaram o largo. Instalaram uma magnífica iluminação e uma cabina de som com música seleccionada.

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

VIDA MILITAR — Enquanto uns já cumpriram o serviço militar, outros aguardam a vez e outros, ainda, são recenseados no respectivo serviço. A nossa vida é assim: vão uns vêm outros.

CINCA — Por esquecimento não fizemos referência, na devida altura, à vinda a nossa Casa de um grupo da Cinca.

Todos os anos, de há uns tempos para cá, íamos com a malta mais pequena fazer a festa de Natal dos trabalhadores desta fábrica. Entretanto, não temos ido mas vêm eles até nós cheios de amor e com brinquedos, livros, guloseimas, etc., que distribuem pelos nossos mais pequenos, que ficam encantados.

Assistem, também, à Missa em nossa Capela e, depois, partem felizes por mais uma visita e por terem repartido connosco.

'Obrigado a todos da Cinca por mais esta iniciativa, entre tantas.

AGRICULTURA — Decorre o trabalho da poda, para que, este ano, o vinho possa ser muito e de qualidade.

Entretanto o Zé Lopes está no alambique a fazer a aguardente que acompanha o nosso cafézinho depois do almoço.

Vamos ver se este ano a aguardente é tão boa como a do ano transacto.

TEMPOS LIVRES — Os nossos tempos livres, cada vez estão a ser melhor ocupados.

O nosso bar, ultimamente, tem estado a cargo do «Spínola» e até tem dado conta do recado. Uma das razões para que o nosso bar possa

andar em ordem, é a vinda de uma máquina nova de café, pois a outra estava mesmo na reforma! Mas, ia a dizer que o nosso bar tem andado arrumado e é aí que grande parte dos mais velhos se reúne nos seus tempos livres para ver televisão, jogar ténis de mesa, damas, xadrez, dominó, cartas, etc.

Os mais novos têm a sua sala própria com televisão, jogos e podem estar aconchegados pois na casa 4 de cima há um fogão de sala e, na de baixo, um aquecedor de ambiente.

Mas as nossas horas livres deviam ir para além disto. Temos uma biblioteca, onde podemos ler bons livros de autores portugueses e ouvir a nossa música preferida.

O que falta é incentivo para a leitura.

Não há melhor ocupação do que a leitura, paralelamente à música, não falando já do Desporto.

LIÇÕES — No dia-a-dia podemos sempre aprender e ensinar.

'Olhei pela janela e vi o «Chinês» mai-lo Luisito muito sorridentes e divertidos com uma trouxa de roupa cada um.

O Luisito deixa cair a sua e o «Chinês» apanha-a e coloca-a nas mãos do Luis.

Entretanto lá se foi para a rouparia com a trouxa de roupa lavada.

Um caso simples que mostra bem que a inter-ajuda é um facto em nossa Comunidade.

«Marcelino»

Carta de BENGUELA

Venho, uma vez mais, dar notícias para o pequeno e saudoso jornal

O GAIATO. E digo saudoso por sentir saudades dele, pois que fui vendedor durante três anos e poucos meses.

Faço ainda votos aos vendedores de O GAIATO que animem e façam um bom trabalho. Sei que não é fácil. Temos de andar bastante, por baixo de sol e chuva. Mas estamos a trabalhar para a Comunidade — de que a Casa do Gaiato faz parte. É trabalho distribuído de um para todos e de todos para um.

De quando em vez há vendedores que não oferecem o jornal às camadas mais jovens, pensando que seus pais já o tenham. Em parte está certo. Mas uns não oferecem por pensarem que eles não o compram. E digo isto porque, de facto, eu era deste tipo.

O GAIATO deveria ter, de vez em quando, uns apontamentos para divertimento dos jovens.

Agora, que sugeri este assunto, envio dois — para rir:

Numa aula de geografia, de uma Escola Primária, a professora pergunta o nome de cada aluno e, depois, ao Domingos, se sabia quantas estações há no ano. Disse que era fácil..., mas a professora teria de esclarecer se as do caminho de ferro de Benguela ou de Luanda!

A professora perguntou, ainda, a outro aluno se sabia qual o mês mais curto do ano. Respondeu que seria aquele em que tivesse o primeiro dia de aulas e o último de férias.

Carlos Gamboa

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Na local do número anterior dissemos ter preparado um bragal, loiga inclusivé, para aquele Pobre que subiu do palheiro a uma moradia condigna — que já habita. Mas, nos pertences do bragal, quando falta mão feminina, falta sempre qualquer coisa! «Se v. arranjassem um fogueiro pr'aquecer o caldinho à noite...!» — lembra o nosso Amigo.

O Pobre não exige, nem contesta a nossa azellice. É delicado. Sabe pedir aquilo de que, por justiça, necessita. «É pr'aquecer o caldinho à noite...!»

Já tem fogueiro. E está muito contente.

A cadeira motorizada do deficiente rola na estrada. Os nossos leitores deram as «pernas» e o deficiente já tem «casas» para «voar» consciencientemente.

O recoveiro dos Pobres compartilhou da alegria. «Pareciam todos um grupo de meninos à volta de um brinquedo!...» Que bem!

Não há hora mais feliz do que fazer os outros felizes!

O concerto e adaptação da cadeira foram 27 contos. É muito, é pouco? A verdade é que lançámos mão de um investimento rendível na promoção do deficiente.

Para nós, a solução deste caso não é satisfação completa. Porquê? Há muitos deficientes, de norte a sul do País, à espera de quem lhes dê a mão para se levantarem, para não

serem pedras mortas — marginalizados!

PARTILHA — Assinante 19177, do Porto, 300\$00 com várias intenções. Casal-assinante 17022, metade. Um Amigo da Rua Santos Pousada, Porto, 100\$00. De Coimbra, «por

alma de meus Pais», 1.000\$00. Já retribuimos o forte abraço. Por fim, o mesmo de Deolinda «para a cadeira do deficiente».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Do que nós necessitamos

Em memória do Arquitecto Teixeira Lopes, primeiro colaborador de Pai Américo no arquitectar da nossa Aldeia de Paço de Sousa, 1.000\$. A mensalidade do costume em selos de correio da Amadora. E 1.000\$ do primeiro ordenado duma professora de línguas do Porto. Assinante 26306 com 20.000\$, em cumprimento duma promessa. Três encomendas de roupa de Cacém. Mais 1.000\$ de um sacerdote de Santarém. E 200\$ de Alfena, com a gratidão de um a quem ajudamos «ao telhado» da sua casinha. A presença dos Funcionários da Direcção Geral da Marinha do Comércio, com vales de 716\$50 e 897\$50. Dos colaboradores da Sociedade de Electricidade Brown Boveri, L.da, 4.720\$. E «a promessa que a minha gratidão não esquece», com 150\$ por duas vezes.

De Franco Gravador, 10 contos em acção de graças. 250\$ da Figueira da Foz. Vale de 350\$ do pessoal de escritório da Maconde. Assinante de Cete com 500\$, por alma dos seus familiares. Brinquedos, roupas, revistas e muito carinho de alunos e professores do Colégio Lúmen. Anónimo com 500\$. De Ferreira do Zêzere, roupas é 1.000\$. De Butler Nephew & C., uma caixa de Vinho do Porto, uma consoada e muita simpatia. Cheque de 5.000\$ do Porto. Vale de 3.000\$ do Pessoal da Sociedade Industrial de Malhas Serpos. Visitante de Rio Tinto com 5.000\$. Mais uma presença anual dos empregados dos vários Departamentos da Sede do Banco Borges & Irmão, com 14.054\$50. Assinante 9022 com 500\$. Igual quantia da Calçada da Estrela. Mais 2.000\$ de Gaia. 200\$ de S. Brás de Alportel. E 1.000\$ de Lisboa: «Se a minha vida agora tem melhorado, é dever tentar melhorar a vida dos outros. As crianças, principalmente».

Cheque de 23.315\$ «valor de um mês de ordenado, após reparação de injustiça». Em memória de Florinda da Silva Mações, 10 contos da Comissão Fabriqueira de A-ver-o-Mar. 120\$ de uma Glória de Gaia, trazidos por um vendedor. 500\$ da «Avózinha», de Betânia. Oferta de várias portas feitas por encomenda, de J. Pinto Leitão, L.da. De Tortosendo,

2.000\$. Dois cheques do Porto, um de 500\$ e outro de 12.000\$. Mais 1.000\$ de Manuel L. C. Peixoto dos Reis. De Barros, Almeida & C., cheque de 10.000\$. Roupas e calçado, pela intenção do assinante 3119. E três cobertores da Casa Europa. 1.000\$ de Construções Elo, L.da. Do Carvalhido, 2.250\$ duma primeira reforma. 1.050\$ por alma de Jerónimo Lagoa da Fonseca. E de um grupo de crianças da Catequese de Mirandela, 600\$.

Cinquenta escudos, «um pouco do muito que queria dar». Da Maria Celeste, 60\$. Roupas e 500\$ de Espinho. Das Costureiras do Hospital de Santo António, o carinho de sempre e 2.500\$ mais 2.900\$. Amigos da Contabilidade da Câmara do Porto, com 900\$. Os 70\$ mensais de Clara e José Flores. De Marília 1.000\$. Do Sector da Piedade da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto, 3.040\$. De «uma amiga» de Pereiró, 100\$. Por graça obtida, 50\$ duma avó. De casal amigo e em cumprimento duma promessa, 10.000\$. Da Festa da Catequese na Igreja de Pedrouços — Areosa, 1.410\$. Assinante 22940 com 300\$ e um guarda-chuva. 100 francos franceses e 500\$ da R. do Falcão. E mais 1.000\$. «para que o filho — jovem médico — seja colocado».

Do Porto, «o primeiro ordenado das nossas filhas e a nossa consoada», 9.100\$. Anónimo de Águeda com 3.000\$ e «vamos a ver se o povo desta generosa terra acorda e assim passa a contribuir para essa Obra». E 400\$ achados em Leiria. 200\$ de Póvoa de Varzim. 1.000\$ e 12 camisetas da Dubbleme. Mais uma encomenda de roupa amorosamente acondicionada. De Silves, 500\$, «para o sapatinho de um pequenino». Os 1.000\$ mensais da Av. João XXI. Mais a alegria de uma licenciatura em Direito e 2.000\$. Da Estação de Riachos, 500\$. Do Pároco de Serzedo, 500\$ duma sua paroquiana, Cá vai a «Mãe que cre em Deus» com 500\$ e 800\$. e da Tabacaria Lusa, 2.040\$, produto de donativos lançados



Margarida Barros e «Quim do Porto» — unidos pelo Matrimónio.



SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

O tema que atraiu multidões foi jogos de animação, onde o engenho, a graça e o trabalho inventivo e participado dos jovens foram coroados de êxito pela satisfação a todos proporcionada.

Eu guardava dentro de mim o motivo de forte alegria: Os rapazes impunham-se, com obras suas, a um povo avesso à Igreja, que tantas vezes os subestima e, até, em muitos casos, levado por correntes demagógicas, nos tem hostilizado.

Eram eles, os rapazes, por si, o argumento irrefutável e evidente! Eles com o seu valor e a sua simpatia!... Eles sem artificios nem fachada. Eles na sua grandeza e dignidade!

Outros dons vieram dos amigos.

Apareceu a viúva com o pequenino óbulo de valor infinito! Vieram o pobre e o remediado, o pequeno e o grande, mas todos imbuídos da mística do Presépio. Escondidos. Interessados. Amantes.

Eu vejo. Eu saboreio. Eu louvo. Eu sinto-me indigno.

Ninguém prescrua tantos mundos de grandeza!

Pelos vendedores, 500\$ mais 1.500\$ e pedido de uma Missa pelo marido. Mil de Dulce, do Rogério, da Maria Isabel, da Madalena, de Sesimbra, de uma trabalhadora da «Socar», do J. Pina, da Elvira, da Franceлина, de um casal da Costa do Sol, de uma senhora do Dispensário, da Anita e suas amigas, dum agrónomo, da

madrinha do César, de um antigo gaiato, da Maria, dos filhos de outro gaiato, de uma amiga velhinha e sua irmã.

Da assinante 19.109, 60\$ para um bife. O Grupo de Fraternidade «Pai Nosso», do Pinhal Novo, sempre conosco, nesta época, 2.500\$. De Vilar Formoso, 100\$. Dois mil com votos de Santo Natal, entregues à Senhora no Lar. A mesma quantia, de uma senhora de Palmela, de um casal de analistas, do Padrinho do Luís Nuno, da Liliana e outra amiga, pelas mãos da Gizela, de um grupo de senhoras e na minha mão.

Quinhentos para pagar a assinatura. O mesmo da «Setel» com calendários e agenda. Da Helena, da Rita e irmã, da Silvina e sua mãe, de várias cos-

no mealheiro desse estabelecimento.

E tudo o que foi entregue à porta do Lar do Porto ou no Espelho da Moda: 1.000\$ do sr. Brandão. 50\$ em sufrágio de Ana da Conceição. De Maria Antónia, 100\$. Da Rua Alferezes Malheiro, 150\$. Por intermédio de «uma filha», 1.000\$. E por alma de Jorge e Manuel. 500\$. Mais roupas e calçado de Vilar Formoso. E 13,8 metros de poliéster de Benedito Barros, L.da. E 3.000\$ de Lisboa. Os habituais 700\$ de Ermesinde. Cheque de 2.515\$ e «os meus dois filhos também contribuíram com uns trocos». Amigos de Galizes com cheque de 20 contos. Assinante 31379 com 2.000\$ e mais 1.610\$ «que juntei entre colegas de trabalho». E 1.000\$ de Braga, de quem se entusiasma com a leitura do «Famoso».

São tantas e tais as demonstrações de carinho que acompanham as ofertas que, por vezes, temos dificuldade em seleccionar umas linhas. Estas vieram do Porto, com 500\$:

«Segue esta quantia para ajuda da compra do bacalhau(?!). — talvez seja mais fácil comprar batatas... É com muito gosto que pela primeira vez vos dou esta ajuda, se bem que já muitas vezes o poderia ter feito embora com menor quantia. Segue em nome das minhas pequenitas, a Maria João e a Carla João. Delas beijos para todos, de mim um abraço também para todos.»

Gostosamente retribuimos as vossas saudações.

De Portalegre, assinante de há longos anos «mexeu-se» e fez campanha dos 20\$ a nosso favor. E o resultado foi de 7.500\$20. Da Rua Andrade Caminha, 5.000\$. Da esposa do ass. 1448, já falecido, 1.550\$. Mais simpatia da Minerolusa e 2.500\$. De «cinco Crespi-

nhos», 2.000 «batatas doces». Mais 50\$ de Rio Tinto. Dos amigos do Bairro da Pasteleira e por intermédio da nossa «recoveira», 2.000\$. E cheque de 25.000\$, de Faro. 500\$ duma Rosa. E 2.500\$ de Marinha das Ondas. 620\$ de Murtosa. Mais 500\$ de A. F. Mendes. E 1.500\$ do Campo Alegre. 4.000\$ de Valadares. Encomenda de algures. Cheque de 6.000\$ da R. António Cardoso. Por intermédio do Pároco de Alfena, 3.000\$. E outro cheque de 10.000\$ da Codepa. De «uma avó», 1.100\$. De um grupo de amigos de Avioso (S. Pedro), 400\$.

E a já habitual caixa de Vinho do Porto, de Poças Júnior. 1.500\$ da Sabel. De um grupo de operadores da Central Telefónica da Rua Entreparedes, 6.100\$, produto duma colecta. E 500\$ de Braga. Mais 7.825\$, ordenado de uma professora aposentada, agradecendo uma graça recebida. E 100\$ do Grupo Recreativo «Os Pintadinhos de Paranhos». De Mozelos (Feira), sacos com roupa e envelopes com quantias várias, somando 20.061\$ e muito carinho e entusiasmo, de três jovens daquela terra. 200\$ «duma desconhecida do Carvalhido». 2.000\$ da ass. 19069. Duma Luisa Maria, 500\$. De Lisboa, ass. 13168, vale de 1.350\$. De uma senhora de Campanhã, Bairro de S. Vicente de Paulo, 1.140\$.

Por iniciativa dum instrutor duma Escola de condução de Guimarães, que arranhou uma caixa-mealheiro, 1.411\$. De Lisboa, cheque de 4.200\$. E mais 5.000\$ de Rio Tinto. E 10.000\$ de visitantes do Porto. E envelope com «migalhinhas» da Caixa de Previdência do Comércio, ultrapassando os 600\$. Anónimo com 100\$. Vale de 3.000\$ de um grupo de empregados dos CTT JF 1, da Rua Visconde de Santarém. E 45 contos de Caxias. 100\$ por alma de Damasceno Cabral. E

5.000\$ do Nicho de N.ª Senhora do Mercado do Bom Sucesso. E 500\$ da Sociedade de Cristais. Mais 1.000\$ de Anadia, de um casal de moçambicanos. Mais 1.000\$ de Sertã, «migalhinhas do meu subsídio de Natal». 4.000\$ de Lisboa. E 20.000\$ da Figueira da Foz. Mais 500\$ da Travessa da Diamantina. E dois cheques de 9.000\$, de Pinto & Cruz, L.da.

Por iniciativa de um grupo de professores da Escola do Magistério Primário de Castelo Branco, cheque de 10.000\$. Mais 5.000\$ do Porto. E 1.000\$ de Alcobaca. Anónimo do Funchal com 1.000\$. Mais um vale de 17.000\$, «produto da venda de objectos que pertenceram a minha mãe, Rita da Trindade». De Elvas, 100\$. Por intermédio do Pároco da Senhora da Conceição, 2.000\$ dum seu paroquiano. 1.000\$ de empregada doméstica em Barcelos. E senhoras também de Barcelos: 300\$ e 10.000\$. De Augusto Guimarães & C.ª Lda., 2.000\$, em memória do Fundador dessa firma. 5.000\$ de Lisboa. 100\$ de Avintes. Agradecendo uma graça a N.ª Senhora, 1.000\$ de Lever. Ass. 22602 de Monte Estoril, 500\$. Outros 5.000\$ do Porto. E 500\$ de Coimbra. E 3.000\$ de Lisboa, «duma mãe preocupada com o estado de saúde de uma das suas filhas». As melhoras lhe desejamos. O Clube-CB «Os Morcegos», que fizeram campanha de Natal entre os radio-amadores, apareceram com muita mercearia e coisas boas. E 9.395\$30, saldo da festa de confraternização do 30.º aniversário do curso de engenharia, de que o nosso Padre Carlos fez parte.

Anotamos muitas ofertas das muitíssimas que recebemos, graças a Deus. Todas elas, mais ou menos, com cheirinho natalício. Para todos os nossos Amigos, auguramos o melhor para este Novo Ano.

Manuel Pinto

tureiras do Lar, «com amizade e carinho para esta família numerosa». Com preces ao Deus-Menino, na minha mão, na Anunciada, duas pessoas; com B. Festas da família Oliveira; da Quarteira em cheque e de Espiche em vale; «a ninguém», do Nuno e da Nita, de Lázaro e de um casal retornado; da D. Tita, amiga do Silvério e de outra grande amiga com muita dificuldade; anónimo; de Maria Casimiro, de Ofélia, de Salvador em cheque e do Carlos Jorge, da Torre da Marinha, em vale.

Cinco mil do José Duarte de Lisboa, do Conselho Particular das Conferências Vicentinas; do sr. Santos, de dois amigos, cada um por si; de um casal, entregue pela esposa e de outro no Lar. Mais o mesmo de Nazaré e Encarnação.

Trabalhadores de várias empresas dinamizaram-se e amontoaram para nos entregar; os da Secil, 18.554\$50. Os da Caixa de Previdência e Abono de Família de Setúbal 7.556\$20 mais 1670\$ em vários envelopes. Os dos Serviços Médico-Sociais, da mesma Caixa, 7.558\$50. Os da Portucel, de Setúbal, 17.040\$. Os do porto de Setúbal 2.774\$.

Um amigo, cheio de esperança, duplicou o seu habitual donativo deste tempo: vinte mil. E um casal da Caparica voltou também com 25 contos.

As comunidades cristãs e religiosas entregaram-nos, das suas renúncias: 9.200\$, mais 4.410\$, mais 10.000\$, mais 7.500\$, mais 2.150\$.

Por duas senhoras da Quinta do Anjo: 700\$, mais 1.500\$. Um velho contribuinte aumentou a sua quota anual: nove mil. Vizinhas que se aqueceram à nossa lareira da sala de jantar: 400\$, mais 200\$, mais 70\$. «Por alma de meus Pais e Irmão», 300\$; e o mesmo como pagamento da assinatura.

Um casal cuja esposa está no Céu, 1.500\$; e igual quantia de uma empresa. Da família de uma doente, 3.000\$; e de outra 150\$. Dois rapazinhos, à Maria Odília, 200\$. Do nosso Engenheiro, 3.000\$; idem de outro Amigo e menos quinhentos de mais um que aumentou também a sua contribuição. De Ubélia e seus vizinhos, 800\$. Vila N. da Barquinha, cheque de 1.350\$. Entregue à D. Amália, 300\$. Dez mil de um casal que vem várias vezes. Por intenção de Amélia, 100\$; e de A. Serrano, 4.000\$.

Prendas das Senhoras dinamizadoras e suecas, dos Trabalhadores da Lisnave, bolos de muitos lados e, em cheio, das empregadas da «Socar» da Quinta do Anjo, onde vamos, todas as quintas-feiras, abastecer-nos de carne dada com muita alegria e discreção.

Termino com uma carta de Paiã: «Envio cem escudos para auxiliar a Obra do Padre Américo. Só vivo de uma pensão minha e do meu marido que é inválido já vai para 12 anos».

Padre Acílio

EU SOU



o Avelino

— O teu nome completo?
— EU SOU José Avelino Ferreira.

— Nascestes em...
— Vila Nova de Gaia, no dia 25 de Agosto de 1963.

— Tens 16 anos, já és um homenzinho...

— Estou na Casa do Gaia-to há 6 anos.

— Qual o motivo da tua vinda para a nossa Obra?

— Os meus pais tiveram grandes desavenças. Andavam sempre à pancada! E separaram-se! Ele andava por lá... A minha mãe era, e é, peixeira.

— Tens mais irmãos?

— Mais quatro: três rapazes e uma menina, todos de meu pai; que a minha mãe, agora, está com outro homem e parece que vão casar.

— Lembra um pouco a tua vida em Gaia...

— Fugia à Escola... Ia pra Ribeira brincar com os colegas... Na feira da Ribeira, ali à beira-rio, surripiava o que encontrasse à mão, na banca dos feirantes. Uma vez, à noite, a Polícia prendeu-me!

— Estás um pouco marcado pelos acidentes da meninice?

— É verdade! Tinha uma vida «foleira»... Agora não, a vida é melhor!

— Qual a tua vocação profissional, terminada a Telescola?

— Quero ser o que sou: trolinha. Gosto da arte. Ganha-se bem.

— Gostas da tua mãe?

— Gostei sempre dela, sempre. E, apesar de tudo, tenho amor ao meu pai.

— Se não viesses para a nossa Obra, poderias ser...

— Se continuasse por lá... se a minha mãe não me levasse para a Casa dos Pobres e, daí, para a Casa do Gaiato, iria parar à Tutoria, poderia ir pra cadeia.

— Gostas da nossa Obra...

— A minha mãe não me pode ter... Mas adaptei-me bem à vida em nossa Casa do Gaiato. Estou melhor aqui do que na minha mãe.

— Não conhecestes o Pai Américo. Tens dele uma ideia pessoal...?

— Foi um grande Homem! Foi um grande Padre! Se não fosse ele, eu andava por lá...! Eu e muitos mais. Se não fos-

Cont. na 4.ª página

DELICADEZA

Neste número ainda de pós-Natal, em que a afluência dos dons em nossas Casas é torrencial, P.e Acílio e Manuel Pinto dão conta, necessariamente breve, de muito (mas não tudo!) de quanto até nós fez chegar a bondade de incontáveis Amigos. Mesmo assim eu não resisto a sublinhar com algumas notas a delicadeza que, em geral, tempera as dádivas da maioria.

Dias antes do grande Dia é já tradição haver festa no Bairro de D. António Barroso em Miragaia. Convivência, uma palavrinha séria sobre o Mistério que vai celebrar-se e depois um bailarico em que as «velhotas» são as mais animadas, seguido de um beberete já preparado de modo a pro-

porcionar muitas sobras que vêm «prós meninos». Eu levo comigo alguns, que — nota constante — me dizem sempre: «pró ano também queremos vir». Além destas gulodices, muita mercearia e um envelope recheadinho.

É-nos muito grato este número das Festas de Natal, pela gratidão amiga que significa, pela compensação de outras horas menos doces que ali temos vivido.

Agora, como exemplo de outros, um saco de saquinhos de roupa já seleccionada, cada um com o seu bilhete a legendar: «Nós somos peúgas. Tínhamos uns buraquinhos, mas já estamos ponteadas, prontas para ser calçadas.»

«Nós somos meia-calça que serve para os meninos vestirem por cima das peúgas e das cuecas. Somos fininhas, mas quentinhas.»

Um sobretudo: «Eu estou magoado. Mas se me pegar com jeito ainda duro muito tempo». Chapéus de chuva: «Nós somos velhinhos. Mas ainda somos úteis quando chove».

A ternura desta oferta compensa-nos de algumas outras que também aparecem, verdadeiro lixo de que por esta forma se desembaraçam.

Outro exemplo: Fatos usados, sim, mas impecáveis de arranjo, trazidos com muito carinho, nos cabides e sacos de plástico da lavanderia onde foram preparados para vir. Quanto esta delicadeza nos alegra e nos penhora!

«Um Desconhecido que não deseja ser identificado.» Há quantos anos nos conhecemos sem nos conhecermos! Sempre o seu desejo de «não ser identificado» descobriu processo

de evitar o encontro que o denunciaria. Ao longo desta convivência espiritual em que os sentidos nunca participaram, há momentos tão expressivos como aquele em que, tencionando trocar o carro por outro da mesma categoria, teve a inspiração — e foi-lhe fiel — de comprar antes um outro muito mais modesto para nos trazer, até aos centavos, a diferença do preço deste para o outro em que primeiro pensara.

Neste Natal de 1979, na caixa do correio do Lar do Porto, sem ninguém dar fé, como tan-

tas outras vezes, estava o seu dom e este, ainda mais precioso, da sua mensagem:

«Tenho seguido O GAIATO, desde a sua fundação e amado a Obra da Rua desde que a conheci, já lá vão muitos anos.

Os acontecimentos e os anos e as decepções fizeram de mim um homem diferente — talvez uma contradição de mim mesmo.

Vejo com muita amizade e ternura a Obra da Rua sempre igual a si mesma, nunca traindo a verdade e sempre fiel ao Evangelho.

Sim, a verdade está no Evangelho, mas também na Obra da Rua.

Ao longo destes anos quantas decepções, frustrações, idealismo destruído, perda de fé

nos homens, renascimento da fé em Deus.

Nós somos as nossas acções, os nossos pensamentos e as nossas realizações. Chegado a esta altura da vida — 70 anos — verifico, com pesar, que o saldo positivo é pequeno.

Eu preciso redimir o meu passado no que ele tem de mau e preciso de ajuda. Eu venho pedir que se lembrem de mim nas vossas orações.

Para assinalar o tão querido Natal, junto um pequeno óbulo para a Obra da Rua.

Um desconhecido

Bendito seja Deus pela Sua Beleza, que nos deixa gozar reflectida nas almas que Ele ama e se deixam amar.

Padre Carlos

O Avelino

Cont. da 3.ª página

se ele, muitos Pobres não teriam hoje uma casa!

— És vendedor de O GAIATO. Qual a opinião dos leitores em relação ao jornal?

— São mais os que ficam com ele pró ler. É que havia gente que era só para ajudar a Obra... O GAIATO traz a nossa vida, de todas as Casas da Obra. As pessoas gostam de saber como nós somos, como nós vivemos. Fazem muitas perguntas, a que a gente tem de responder. Faz-me sempre bem conversar com os meus amigos, na venda do jornal. Dão muito carinho...

Júlio Mendes

Cont. da 1.ª página

exige às Autoridades competentes. Um mutilado, sem pernas, gesticulando em pleno Rossio, no chão, a meio dum dos passeios, do lado oriental, gritando a solicitar a generosidade pública. A multidão passa rumo à sua vida. Alguns quase tropeçam, enquanto outros depositam o seu óbulo. A maior parte, pensativa e preocupada que vai, nem sequer repara. Uma atitude se exige, a bem do próprio e da comunidade. Que se retire o exposto e se encaminhe para local próprio: a família, se o pode ter consigo, ou para instituição adequada para estes casos. É

AQUI LISBOA!

um imperativo de Justiça e de Caridade. A estrutura social deve dar resposta às carências dos seus membros e corrigir, porventura, os seus desequilíbrios.

Em plena Rua do Carmo, do lado direito para quem sobe, a meio percurso, uma Mulher sentada no cimento frio do passeio, com três crianças de tenra idade, a mais velhinha af com cinco a seis anos. Chuvisca. Absorvidos com os seus problemas as pessoas circulam acotovelando-se. A hora é de

muito trânsito. Alguns dos transeuntes comentam que «ela não quer é trabalhar». Outros passam e atiram a sua esmola. Passamos também. A nossa alma esfria-se como o tempo está também frígido para o corpo. As três crianças. O seu futuro. A sua saúde. As consequências daquela exposição. Sentimos necessidade de providenciar. Vamos à Esquadra do Teatro Nacional. Contamos. Os carros também são rebocados da rua por não estarem no seu lugar. O Ano Internacional da Criança passou já. As pessoas não dão conta. Pedimos que retirem a mulher e aquelas crianças, sobretudo aquelas crianças do local. Que sim, dizem-nos. Que se averigüe. Se é exploração que se providencie. Se não é, que se providencie também. Aquelas crianças. O seu futuro. Aquela violência. A chuva e o frio. As doenças possíveis. Um emaranhado de pensamentos. Na Esquadra disseram-nos que sim, que iam lá mandar alguém. Acreditamos. Estivemos para voltar ao local. Os afazeres não o permitiram. Foi um dia triste. Triste pelo que vimos e não fizemos. Tranquilo pelos passos dados e pelo tempo gasto.

Em estilo telegráfico contamos dois casos. E das dezenas e dezenas por essa Lisboa fora e por todo o País, para só falarmos da nossa Terra? Deixemo-nos de conversa fiada e vamos aos actos. Por nós, com 116 moços, vamos procurando dar resposta. Inúmeras respostas «não» são o pão-nosso-de-cada-dia que passa.

Júlio Mendes

Padre Luiz

Mães solteiras

Continuação da PRIMEIRA página

abandono do pai, a insuficiência da cunhada e a tristeza da vergonha do seu acto são facturas muito caras a pagar e sem qualquer segurança. A incompreensão a que outros a vão sujeitando eis os pontapés a que nenhum de nós é estranho. A coragem e a decisão forte de não voltar a cair será, da parte dela, a margem segura onde deve caminhar... Sózinha? Heroína, se o conseguir!

Entretanto, ao nosso lado, as leis ainda defendem a vida! As pessoas, umas defendem as leis condenando a vida, outras defendendo as leis da vida condenam vidas como aquela. E, ainda outras defendem as leis e a vida. A última parte é aquela que nos deve interessar, porque nos defende mais ou acusa mais. Para isso, é bom de ver que, ao defendermos as leis que protegem a vida, temos o dever da coerência em fazer pela vida dos outros tudo o que estiver ao nosso alcance. Quando a sua vida é acusação contra nós, queiramos ou não, somos co-autores das leis que condenam a vida... Se somos contra o Homem... somos contra Deus!

E no caso desta mãe solteira?

Que atire a primeira pedra, quem...!

Antes, demos-lhe a mão para que se salve! A nossa Casa é testemunha séria de casos assim, já completamente perdidos... Um País ainda de abandono sem distinguir idades, sexos, necessidades e possibilidades... Tudo é possível! E até quando?

Padre Moura

A FAMÍLIA

O abono de família requerido pelos trabalhadores rurais — ao contrário do que acontece com os trabalhadores doutros serviços! — descamba numa caça às bruxas.

Não queremos ofender ninguém. Basta a injustiça de que os trabalhadores são vítimas!

Aparece-nos, agora, uma jovem mãe, de freguesia vizinha, cujo marido tem uma deficiência num braço e são mais os dias que anda ao alto do que ocupados. Face ao pesado encargo familiar, ela, a mulher, procura ganha-pão para si e para os seus: trabalhadora rural, com os descontos em dia. Na altura própria require abono de família e justifica documentalente. Espera um certo tempo. Nada! Mete-se a caminho: vai à Casa do Povo, à Caixa, anda por lá em bolandas. Resultado: enquanto a comissão de inquérito não colher dados, o assunto permanece num impasse, talvez um ano, dois... «Não sei que diga. A gente anda desanimada» — afirma com lágrimas nos olhos.

Será que os Ministros, os Directores-Gerais, os responsáveis pela gestão do País desconhecem a subalternidade dos trabalhadores rurais?!

Sendo os que menos incomodam, será por isso que estão sujeitos a leis de excepção?!

Não haverá por aí alguém que bote a mão a esta injustiça?!

Está em causa uma Família. E estão mais.

Ora quem defende a Família, supomos, não deseja conscientemente coarctar os seus direitos, tendo a beneficiária a situação regularizada, segundo as folhas de salários e descontos que passaram pelas nossas mãos.

E mesmo que não tivesse... Mas isso é uma história que nos levaria muito longe.



Tiragem: 38700 exemplares